

## PROLOGO

O suspeito corria pela vazia rua suburbana, aumentando cada vez mais a distância que nos separava. Com a arma em mãos, eu o perseguia, usando todas as minhas forças para alcançá-lo. Sabia que seria inútil, entretanto. A respiração já estava ofegante. Os músculos demoravam a responder. Logo, eu o perderia de vista.

Recorri à única opção que ainda me restava: parar.

Não. Não estava desistindo. Pelo contrário. Estava pronto para dar um fim àquela perseguiçãozinha ridícula e inútil.

Apontei a arma em sua direção e fechei o olho esquerdo, mirando nele. Os detalhes de minha visão se ampliaram, como o zoom de uma boa câmera. A imagem tornou-se mais nítida e a mira perfeita.

— Pare ou eu atiro. — disse, tentando manter meu livre de qualquer sarcasmo direcionado ao clichê que deixara meus lábios.

Ele não parou.

Eu sorri.

Com o protocolo devidamente cumprido, fiz exatamente o que gostaria de ter feito desde o início: disparei a arma. O barulho de explosão ecoou pela vizinhança, soando como uma doce melodia em meus ouvidos. O braço do fugitivo explodiu em milhares de pedacinhos, carne e sangue azulado espalhando-se em todas as direções. Ele tropeçou, mas continuou a correr.

Aquilo era exatamente o que eu queria.

Sem hesitar, atirei a segunda, a terceira e a quarta vez. Acabei com três das quatro pernas que ele possuía, fazendo-o cair no chão.

Alguns curiosos apareceram em suas janelas, bisbilhotando para ver o que estava acontecendo. Mostrei um papel em branco, que sabia que veriam como um distintivo de um oficial de justiça da cidade de Austin, Texas.

— Permaneçam em suas casas. Está tudo sob controle. — ordenei, ouvindo minha própria voz com um sotaque levemente texano.

A maioria obedeceu, como os bons cidadãos que eram, retornando às suas vidinhas medíocres.

O distintivo falso, assim como minha aparência humana, era uma mera ilusão que fazia parte da tecnologia do bracelete ARC, *Alderon Reestruturador Conduíte*. A ferramenta criava imagens holográficas que imitavam fielmente as características de seres e objetos

terráqueos.

Baseando-se em comandos mentais e dados históricos, o bracelete era capaz de camuflar a realidade, tornando-a simples e plausível àqueles que a presenciavam. Uma criatura com quatro braços não passaria de um homem truncado. Sangue alienígena seria rubro e viscoso como o dos terráqueos. Mesmo aparelhos eletrônicos e superfícies refletivas mostrariam uma aparência humana. Tudo para causar a impressão de normalidade e evitar suspeitas.

Caso o contato físico acontecesse entre humanos e seres extraterrestres, uma membrana modeladora envolveria o corpo da criatura, materializando-se de forma a iludir o tato de um terráqueo. Ocultaria qualquer membro atípico a um humano, como braços extras ou caudas, por exemplo, ou criando matéria para tudo que estivesse faltando. Transformaria peles, pelos, cabelos... E eliminaria assim qualquer razão para desconfiança.

Aproximei-me do fugitivo, encarando seu corpo destruído sem remorso algum. Apontando a arma para sua cabeça, eu bradei:

— Eu vou até sua casa para conversar e você tenta armar pra cima de mim, seu desgraçado?

Para que não pudesse vir com a desculpinha ridícula de que não sabia do que eu estava falando, mostrei a manga da minha camisa, completamente dilacerada.

O cretino diante de mim não poderia ter mais de duzentos anos no calendário de *Menuc*, seu planeta natal. Era um pivete tentando se dar bem na prisão. Vendia tranqueiras tecnológicas em troca de drogas terráqueas e outras bugigangas. Detestava esse tipo de gente.

Sua cauda balançou de maneira ameaçadora, vindo em minha direção. Imediatamente, pisei nela com força. Um gemido estridente de dor deixou o bico do infrator e eu sorri. Nada melhor que maltratar um desses desgraçados para melhorar meu humor.

Menuscianos eram extremamente ágeis e covardes. Preferiam te acertar pelas costas a lutar como verdadeiros guerreiros. Sua cauda era o maior de seus trunfos por ser retrátil e afiada. Fui pego de surpresa por esse truque barato da primeira vez, mas não cairia nele novamente. O estrago em meu braço teria sido maior se não fosse pelo fato de minha pele ser aproximadamente 30% mais resistente que a dos humanos. Em *Serua*, meu planeta natal, tínhamos que suportar terríveis nevascas e por isso, apesar de humanoides, éramos muito mais fortes do que os terráqueos.

Assim que ele ameaçou recolhê-la, pressionei o gatilho levemente, mostrando que eu não estava para brincadeiras.

Choramingando, ele pediu:

— Por favor, senhor investigador, deixe-me ir. Eu prometo que não causarei mais

problemas.

Ri amargamente enquanto pegava um pequeno objeto cilíndrico de meu bolso.

— Você realmente acha que vou cair nessa? Há meses que você fica contrabandeando tecnologia para cá e há semanas que eu tenho tentado te pegar. Você já era. Vão te mandar daqui, direto para Crismaline.

Crismaline era a prisão que todos os bandidos temiam. Um planeta escuro e perverso, onde a lei significava pouco e o trabalho era ingrato. Escravidão, abuso e miséria era somente alguns dos pontos altos dessa estadia “amigável”.

Os olhos reptilianos do infrator se arregalaram, em uma mistura de dúvida e medo.

— Acha que eu estou brincando?

— Não, por favor, eu vou cooperar, prometo. Só me deixe ficar aqui... – pediu, protegendo sua cabeça com o único braço que lhe restava.

— Vai cooperar? Então fala o nome do teu chefe.

— N-não tenho chefe, só faço uns bicos sozinho.

— Resposta errada.

Apertei o botão do *imobilizador molecular* e uma luz azulada envolveu o ser diante de mim. Ele pareceu congelar no chão, seus movimentos restritos pelo pequeno aparelho. Dei as costas a ele e segurei o objeto como se fosse um saco pesado sobre meu ombro, arrastando o fugitivo até meu carro.

Ignorei os desníveis da calçada mal conservada enquanto caminhava, assoviando.

Nada melhor do que um criminoso destroçado para terminar meu dia.

## CAPITULO 1

**Austin, Texas, 21 de Dezembro de 2010, 10:35 AM.**

Entrei no escritório de advocacia Lorns & Gross, com meu costureiro mau humor matutino, ignorando os protocolos da boa educação.

Nem sempre fui um homem cruel e amargo. Costumava rir e achar que a vida era bela até descobrir que tudo não passava de uma mera ilusão. A verdade, por mais dura que pareça, é que qualquer ser com uma inteligência maior que a de uma ameba só pensa em si próprio. Faz parte de seu instinto de sobrevivência. Por essa razão, irrefutavelmente, as pessoas te enganarão e te decepcionarão um dia. Nem aqueles com quem compartilhamos um laço de sangue estão livres desta verdade.

Nesses duzentos e trinta e sete anos em que estou vivo, percebi que otimismo era coisa para gente burra, como eu costumava ser quando usava o nome de Rhys Marshall.

Mesmo nós, seres intergalácticos considerados superiores na Via Láctea, enganávamos planetas subdesenvolvidos com truques baratos só por acharmos que eles representavam uma ameaça à paz e a evolução imposta por nossos queridos governantes.

Lorns & Gross Advocacia era somente uma fachada. Enquanto a maioria dos humanos seguia com suas vidinhas insignificantes, sem sequer imaginar a existência de seres extraterrestres, a *Confederação de Planetas da Via Láctea* aumentava seu domínio sobre tudo e todos ao seu redor. Através de avançadas ferramentas de controle e parcerias secretas com determinadas agências de inteligência terráqueas, eles mantinham a ilusão de que os humanos estavam sozinhos nesse universo, quando, na verdade, representavam uma pequena minoria dos habitantes desta galáxia.

Durante centenas de anos, desde a descoberta de vida pré-inteligente neste planeta, a Terra não foi nada além de um peso morto na história galáctica. Por considerarem esse mundo tecnologicamente e socialmente primitivo, a Confederação não via nenhuma utilidade para o pequeno planeta azul.

Mas os tempos de irrelevância da Terra estavam, aos poucos, ficando para trás. Com o próprio desenvolvimento de sua sociedade, mesmo que ainda muito precário se comparado às civilizações evoluídas da galáxia, o *Conselho Interplanetário* decidiu finalmente promover o status do planeta à *Mundo em Progresso Evolutivo Assistido*. Ou seja, enviariam à Terra os mais variados seres dos grandes mundos da Via Láctea para auxiliar indiretamente em seu desenvolvimento tecnológico e social.

Não pensem, entretanto, que a Confederação foi caridosa, enviando seus melhores representantes. Ao contrário. Ao invés de cientistas renomados, a Terra recebeu nada menos do que criminosos condenados pela justiça confederada. É claro que não chegaram ao ponto de enviar assassinos, estupradores ou terroristas. As naves confederadas trouxeram ao planeta azul, policiais corruptos, políticos ladrões, fraudadores, estelionatários e outros forada-lei.

As penas para os crimes na Confederação eram severas. Um simples roubo virtual ao *Banco Intergaláctico* acarretaria em 198 anos terrestres na prisão. Mesmo para diversas raças na galáxia, que vivem bem mais que isso, a punição era altíssima.

Muitos desses criminosos eram considerados intelectualmente capazes de guiar os terráqueos e cumprir essa “assistência evolutiva”. Por isso, ofereceram uma chance para alguns deles. O acordo era simples: auxílio à Terra em troca da liberdade condicional. Caso fizesse um bom trabalho, ela poderia se transformar em liberdade definitiva, como uma “segunda chance”. Parece um bom acordo, não? Quem não toparia?

Os ex-criminosos migraram para a Terra e assumiram identidades humanas. Através de seus conhecimentos e intelectualidade, o pequeno planeta azul começou a se tornar bem

mais evoluído.

Nem mesmo grandes nomes na história da humanidade como Galileu, Graham Bell e Einstein foram perdoados e sendo assim, poucos realmente acreditavam que um dia seriam. De qualquer forma, obedeciam as regras impostas. Aquele destino era melhor que passar sequer um dia de servidão na prisão de Crismaline, lugar para onde todos voltariam caso não se comportassem. Apesar das condições precárias em que viviam — privados da tecnologia e conforto galácticos — sabiam que eram um dos poucos privilegiados a se livrar de Crismaline.

Ninguém recebia uma “segunda chance” por acaso. Normalmente tratava-se de indivíduos influentes, que ainda possuíam contatos capazes de livrá-los da pior parte da sentença. Cada um tinha uma história cabeluda para contar e eu não era diferente de nenhum deles.

No passado, fui o líder de equipe de um dos departamentos mais respeitados do DEIC, *Divisão Especial de Investigação Criminal*. Agora, não era nada além de um amargo ex-criminoso intergaláctico que se “fantasiava” de humano.

Parei diante da porta da minha sala, cansado de ver minha secretária atrás de mim, esperando pelo momento propício para me dar as más notícias do dia.

—Sabe que não gosto dessa cara, Mincy.

Mincy sorriu superficialmente, tentando disfarçar a expressão sombria de seu rosto. Apesar de saber que seu esforço seria em vão, ela sempre tentava apaziguar os problemas aos quais me apresentaria com uma expressão artificial de felicidade em seu rosto.

Enquanto aguardava as bombas que ela certamente me comunicaria, observei meu reflexo no painel de vidro da parede da minha sala. Parecia mais cansado que o normal. Podia notar algumas rugas, jamais vistas antes em minha aparência humana.

Os cabelos castanhos claros estavam jogados para os lados, caindo desajeitadamente sobre as orelhas. Como de costume, não os penteava antes de sair de casa. Os olhos negros estavam mais duros, mais desconfiados. Havia marcas permanentes de preocupação em meu cenho. Os ombros largos e os quase dois metros de altura pareciam ainda mais intimidadores do que o normal.

Apesar de estar nesse planeta há quase dois anos, ainda não conseguia me acostumar com as diferenças entre minha aparência real e a humana.

Fisicamente, ambas as raças eram parecidas. Possuíamos o mesmo número de membros, órgãos internos e sentidos. As maiores diferenças estavam na pele. Diferente dos humanos, minha pele não possuía pigmentação e era ligeiramente transparente. Não necessitava de pelos para proteger-me. As baixas temperaturas de meu planeta natal me forneceram uma “casca grossa”, que fazia com que não precisasse de poros para respiração

ou transpiração. Possuía veias viris pelo corpo, saltadas e acinzentadas, que sempre se tornavam mais claras ou escuras de acordo com a minha variação de humor.

No momento, elas variavam em tons de cinza escuro. Sabia ficariam negras assim que ouvisse o que minha secretária tinha a dizer.

Gesticulei para que entrasse na sala. Enquanto me dirigia a minha cadeira, observei os pertences na escrivaninha, procurando pelos sagrados objetos necessários para o meu ritual matutino.

Em cima da simples mesa de cerejeira, perdido dentre pilhas de papéis, encontrava-se um copo de café com dois cubos de gelo e uma bala de hortelã. Meus lábios curvaram-se em um pequeno sorriso ao perceber que minha secretária não havia falhado. Antes mesmo de sentar-me, peguei o copo de café e tomei um longo gole. Mincy esperou em silêncio, não interrompendo o momento mais importante do dia para mim. Ela me conhecia bem o suficiente para entender as consequências de qualquer interrupção.

Enquanto apreciava o gosto amargo da bebida, aproveitei para adicionar o leve sabor da hortelã àquele prazeroso momento. Subitamente, meu humor mudou de ruim para tolerável. Não existiam muitas coisas nesta vida que conseguiram transformar meu estado de espírito de tal maneira. Sabendo do meu ponto fraco, todos se utilizavam dele. Ninguém era capaz de me aturar de mau humor.

Assim que me sentei, ofereci para que Mincy fizesse o mesmo. Balançando a cabeça levemente, ela optou por ficar de pé e já se pôs a falar:

— Senhor Logan, a *Confederação* aprovou o pedido feito dia 17 para interrogar o infrator. Liberaram o método *SIVO* para que o senhor o fizesse. – como de costume, ela começou com as boas notícias, fazendo com que eu questionasse quais seriam as más.

Essa autorização não era bem o que eu esperava. Preferia que fosse algo menos primitivo, como um *leitor neural*. Infelizmente, por nos encontrarmos em uma prisão, dificilmente nos concediam qualquer tipo de liberdade tecnológica. O *SIVO* eram um soro intravenoso que funcionava como um “elixir da verdade”. O problema era que existiam diversas maneiras de burlá-lo. Por exemplo, o indivíduo poderia bloquear ou extrair sua própria memória para que não pudesse responder nenhuma questão. Além disso, também era necessário saber que tipo de questões fazer para conseguir chegar ao fundo de qualquer assunto.

— Pelo menos já é alguma coisa... – murmurei desgostoso.

Gesticulei para que minha funcionária continuasse, observando o caos de papéis que se encontravam em minha mesa.

— A Divisão de Assuntos Públicos e Intergalácticos enviou uma advertência e uma multa ao senhor pelo tratamento que foi aplicado ao infrator. No comunicado, eles alegam

que o senhor poderia ter utilizado o modo imobilizador de sua arma e que não foram seguidos os protocolos que permitem o disparo contra um ser desarmado. Arqueei a gravação em seu computador pessoal, dentro da pasta 'Problemas Legais Pendentes'.

Bufei, irritado com a notícia. Mais três advertências e perderia minha licença investigativa, o que significava um caminho sem volta para Crismaline.

— Você vai recorrer. — informei secamente.

— C-como assim? — Mincy gaguejou, surpresa. Não sabia se estava mais preocupada com a ideia de recorrer ou de ser minha responsável legal.

— Vou extrair as memórias daquele momento e você abrirá um processo legal com um pedido de investigação. Tenho provas que segui o protocolo. Pedi para que o infrator parasse e ele não obedeceu. Apresentava uma ameaça aos terráqueos e aos segredos intergalácticos e segundo o decreto 1.234-RTM é meu dever, como homem da lei, acabar com esse tipo de problema seja como for.

Os olhos de Mincy indicavam que ela achava aquela situação absurda. Conhecia-me bem e sabia que faria qualquer coisa para ter uma chance de acabar com esses bastardos. Era verdade, mas dessa vez, tomei cuidado para não infringir as regras. Com a primeira advertência, não houve nada que eu pudesse fazer. Seria difícil arrumar uma explicação para ter forçado alguém a explodir e reconstituir seu próprio órgão genital sete vezes. Não que eu me arrependesse, o maldito mereceu cada minuto de sofrimento.

— M-mas senhor Logan, e-eu não posso entrar com um pedido legal para o senhor sem uma autorização homologada pelo *Centro de Assuntos Cívicos*, principalmente por se tratar de uma petição legal envolvendo provas que serão extraídas a partir de um *leitor neural*.

Mincy detestava conflitos. Ela sempre arrumava um jeito de tirar o seu da reta. Seu melhor argumento para sair de uma fria era tirar a responsabilidade de suas costas. Nesse caso, estava utilizando a burocracia demasiada para que não tivesse que lidar com a dor de cabeça que eu estava arrumando para ela. Além disso, era extremamente contra meus métodos de extração de informações e apreensão de infratores. A ideia de me ajudar a sair dessa roubada provavelmente a enojava.

Ainda sim, era uma das poucas pessoas que me obedecia como seu chefe. A maioria fazia o máximo para me evitar, sabendo que eu arrumaria trabalho para eles. Faziam o mínimo de esforço para não voltar para Crismaline, e preferiam viver sem a disciplina que eu impunha.

Na verdade, não havia pedido para ser chefe dessa espelunca. Tinha sido enviado para o CCC, Centro de Controle e Contenção, com o intuito de ser um funcionário como qualquer outro. Iria patrulhar o planeta, averiguar problemas e situações que pudessem colocar em risco o segredo da Via Láctea. Achei que teria uma vida fácil e simples. Ao chegar

a Terra, percebi a putaria que era esse lugar.

A regra era clara: os ex-criminosos que receberam uma *segunda chance* da Confederação, deveriam sobreviver com os recursos e as tecnologias primitivas do planeta. Mas quem disse que isso é fácil? Sempre que possuíam uma chance, eles adquiriam contrabandos de visitantes galácticos não autorizados.

Em troca, os pilantras ofereciam uma variedade de produtos nativos. Os mais comuns eram metais raros e organismos vivos — itens considerados iguarias na Via Láctea. Obviamente, a posse, troca ou venda deles era uma prática ilegal. E é claro que todos no CCC ignoravam isso graças ao bom suborno que recebiam.

Comigo não era assim. Decidi colocar ordem no galinheiro. Comecei a cortar privilégios, inspecionar funcionários e punir aqueles que desobedeciam às leis. Tranquei um funcionário por um mês dentro de uma penitenciária terráquea em um país subdesenvolvido... Colei o outro a uma cadeira de rodas humana... Mostrei a eles que existiam coisas muito piores do que viver sem os privilégios tecnológicos que possuíamos.

Eles entenderam o recado, mas não gostaram. Aos poucos, passaram a me temer. Começaram a trabalhar e as propinas não eram mais tão tentadoras quando comparadas as punições que receberiam. Até tentaram me arrancar de lá. Inventaram diversas formas criativas para me ferrar ou me matar. Nenhuma funcionou. Para piorar, depois de solucionar o famoso caso de drogas intergalácticas *RXNX* que estavam sendo vendidas na Terra, fui promovido pela *Confederação* para Investigador Chefe do CCC. O que aquilo significava? Que eu podia fazer o que quisesse com quem cruzasse meu caminho.

Foquei meu olhar no rosto da minha secretária com um sorriso sarcástico:

— Tenho certeza que isso não será um problema para sua ótima eficiência, Mincy. Afinal, você conseguiu se livrar de sua sentença utilizando a burocracia a seu favor.

Uma careta formou-se no rosto de Mincy. Ela detestava quando eu usava esse argumento. Era verdade, entretanto. A mulher era uma serpente venenosa. Conseguia encontrar as mais improváveis brechas nas leis para se livrar de problemas.

Não estava fazendo nada além de usufruir de seus dons. Aquilo era o que todo bom chefe deveria fazer.

— Tudo bem, senhor Logan. Já entendi. — seu tom era áspero, mas respeitoso — Podemos passar para o próximo assunto?

Gesticulei para que continuasse e ela informou:

— O menucsiano tem que ser liberado ainda hoje. Ele deve retornar ao seu planeta natal para um período de reabilitação e depois será enviado para outra prisão, longe do senhor.

— Como assim? — bradei, batendo as mãos na mesa.

— A corte intergaláctica já julgou o caso e acredita que será melhor que ele descanse por um período antes de ser reabilitado em outra sociedade. Julgaram inadequado que permanecesse em um ambiente onde pudesse voltar a sofrer experiências traumáticas.

Fiz menção para que se calasse, não interessado nos detalhes burocráticos da saída dele da Terra. Estava pouco me lixando se ele não voltasse para cá. A questão, entretanto, era que deveria voltar para Crismaline por infringir as leis da prisão confederada.

— Quem é o pirralho? Por que não vai para Crismaline?

Os ombros de Mincy tornaram-se mais tensos. Obviamente aquele era um assunto delicado.

— Aparentemente ele é filho do Líder da Câmara de Saúde Pública de Telur. Foi seu pai quem fez a petição para a advertência do senhor e utilizou os maus tratos como argumento para a liberação de seu primogênito.

— Ah, claro. O filho da mãe subornou aqueles putos para tirar o filhinho da mira da lei e me ferrarem no processo. — as veias de meu corpo pulsavam com cada palavra, vibrando em um preto tão escuro quanto o piche.

Minha secretária deu um passo para trás, tentando alcançar a porta o mais rápido possível. Sabia que não seria bom se eu me descontrolasse. Percebendo seu medo, tentei me conter. Respirei fundo, concentrando-me em esvaziar minha mente. Todas as raças possuíam um ponto fraco e o dos Seruans era seu temperamento. Literalmente tratava-se de um problema.

Um pouco mais controlado, meneei a cabeça afirmativamente para que continuasse. Ela gaguejou as palavras:

— S-só isso, senhor.

Gesticulei para que fosse embora e ela sequer se incomodou em abrir a porta, atravessando-a como um fantasma.

Levantei-me da cadeira e acionei a passagem secreta no canto direito da parede. Um leitor facial autenticou minha autorização e a parede sumiu, como se nunca tivesse existido. Passei pela entrada e sorri ao ouvir a familiar voz com sotaque Nova Iorquino de nossa inteligência artificial:

— Booom dia, seu Logan! — a voz dela era ligeiramente estridente e irritante.

— Bom dia, Lucy.

Lucy era a responsável por toda a infra estrutura e segurança do CCC. Seu criador, Daelus, possuía uma tara inexplicável por programas de televisão terráqueos. Eles o inspiravam a criar nomes estranhos a todas as suas invenções. Nesse caso, havia decidido pelo nome do computador baseando-se na série “Eu Amo Lucy”, um programa de humor dos anos 50.

Respirei fundo, aliviado de entrar no único lugar que me lembrava um pouco de casa. Era um salão grande, com as paredes exibindo cenários da famosa capital de Alderon. Havia projeções 3D em todos os cantos, com pássaros e árvores, tornando o lugar agradável e saudoso ao mesmo tempo.

Atendentes de diversas raças e idades se acomodavam em cadeiras flutuantes, rodeados por radares, relatórios e informações sobre a atual situação de nossa prisão. Era através desses monitores que eles descobriam infrações e também verificavam a evolução humana. Muitos dos colaboradores intergalácticos importantes enviados para a Terra eram observados de perto, para garantir que estavam fazendo seu trabalho corretamente.

Além da sala de monitoramento, havia um corredor que levava para as salas de reuniões, a enfermaria e a prisão propriamente dita. Caminhei pelo corredor, sem me incomodar em cumprimentar aqueles que tentavam ser educados. Sabia o nome de cada um deles. Conhecia seus crimes. Fofoca da semana? Cor da calcinha? Não me importava com nada disso. Só precisava saber se estavam cumprindo seus deveres corretamente.

Passsei pela enfermaria o mais rápido que pude, tentando não ser visto pela doutora Mazza. Sabia que ela me pararia para conversarmos sobre a reconstituição que teve que fazer no moleque menuciano. Diria que foi uma atitude bárbara e primitiva, e que eu deveria estar envergonhado de mim mesmo.

Desci os degraus que levavam até a prisão e acionei o painel central para que a autenticação ocorresse. Assim que a porta se abriu, fui direto para o compartimento onde o infrator estaria guardado.

No passado, aquele lugar servia para armazenar cadáveres. A prisão era na parte inferior do salão principal, com pequenas celas de *energesir*, um material feito de luz que não permitia a passagem de moléculas. Era segura, mas permitia que eles falassem e causassem desordem. Como dificilmente usávamos o necrotério, decidi mover a prisão para lá. Congelados em gás criogênico, eles permaneciam imóveis, não envelheciam, e ficavam completamente calados. Era perfeito.

Destruí o compartimento e libertei o prisioneiro. Em cerca de um minuto, ele abria os olhos como se acordando de uma longa noite de sono.

— Lucy, injete 0.5 ml do soro SIVO. A autorização encontra-se no arquivo SO0777.

— Soro aplicado. Vai fundo, seu Logan! — anunciou Lucy após uma pequena pausa.

Os olhos do homem se abriram, com um brilho opaco em suas íris, indicando seu estado catatônico induzido. A injeção cercava as regiões do cérebro que comandavam as emoções, suprimindo-as, e em seguida localizava as áreas onde as memórias se encontravam para prepará-las caso uma pergunta as acionasse.

O processo era invasivo, mas eficaz. Seu maior defeito era que o soro respondia a

estímulos na memória criados pelas perguntas. Isso significava que as questões escolhidas determinavam o sucesso do interrogatório. Caso elas não fossem feitas da maneira correta, importantes informações permaneceriam ocultas.

— Diga-me tudo o que sabe a respeito dos envolvidos no contrabando de tecnologia para a Terra. — iniciei com uma pergunta padrão. Silêncio continuou seu reinado, interrompido somente pelo som dos aparelhos que o monitoravam. Minhas perguntas continuaram, mas, no entanto, o cenário permaneceu o mesmo. Estranhando tal comportamento, perguntei:

— Lucy, tem certeza que o soro está na validade?

O computador respondeu afirmativamente, deixando-me ainda mais intrigado.

O soro nunca havia falhado desta forma. Mesmo que um *pirata tecnolita*, ou hacker como chamavam na Terra, fosse capaz de prever tal ferramenta, os mais inteligentes normalmente inseririam memórias falsas para que sua identidade e a de seus clientes permanecessem seguras. Irritado, indaguei:

— Qual o problema com esta merda, então?

— O senhor gostaria que eu lhe fornecesse um relatório detalhado sobre o *SIVO*? — retrucou o computador.

— Não. Sem detalhes. — respondi rispidamente.

A primeira, e última vez que cometera este erro, tivera que escutar um bando de informações inúteis sobre probabilidades estatísticas. Coçando a cabeça levemente, ponderei meu próximo passo. Decidido, pedi:

— Lucy, aumente a dosagem para 0.8 ml.

— Ih, seu Logan. Isso vai dar porcaria. Preciso te avisar das consequências disso daí, assim como gravar esse comando no log de auditoria principal para que seja anexado ao relatório do paciente. — advertiu o computador.

Protocolos sempre me irritavam. Eu sabia o que estava fazendo, e não precisava ser avisado. O aumento na dosagem poderia resultar em traumas permanentes, mas quem disse que eu me importava se fritasse o cérebro do infeliz? Sem esperar pelo meu comando, Lucy informou:

— O paciente pode sofrer diversos traumas com a overdose do soro *SIVO*. Há uma possibilidade de 8,73% que o paciente terá um ataque cardíaco, 10,11% que perderá todas suas memórias permanentemente, 18,46% que não sairá do estado catatônico,...

— Tudo bem. Pode colocar a minha assinatura digital. — interrompi, procurando calá-la.

Assim que o computador me informou que ele estava pronto, eu repeti minha pergunta inicial, esperando por melhores resultados. O menucsiano começou a balbuciar

algo e eu ordenei:

— Lucy, aumente o volume.

Sua voz tornou-se mais alta, fazendo-me capaz de ouvi-lo dizer:

— Mrek lteoih woerhth woirworh nasnflog nadnogk....

As palavras continuavam a fluir de sua boca, ainda deixando-me sem entender o que tentava dizer. Todos os idiomas conhecidos no universo eram armazenados em uma base de dados central que por sua vez era acessada por todos os sistemas periféricos — como computadores e braceletes *ARC* - facilitando a comunicação entre as raças. Isto significava que, ou o idioma não era conhecido, ou ele não existia.

Determinado a desvendar este mistério, perguntei:

— Lucy, o que ele está falando?

— Sei não, seu Logan. Estas palavras não estão em nossa base de dados. Precisaria de uns detalhes a mais. Tipo comandos manuais, sabe? — o computador respondeu.

Murmurando palavras pouco delicadas, procurei respirar profundamente para evitar que a raiva fervesse ainda mais meu sangue.

— Em outras palavras, você precisa do Daelus? — perguntei irritado para o computador, mas ao invés de aguardar uma resposta, comandi — Chame o Daelus aqui, agora.

O comportamento do prisioneiro me intrigava. Suas palavras, sem sentido, repetiam-se de um em um minuto, como se nelas existisse uma mensagem esperando para ser decifrada. Eu era bom com quebra-cabeças. Alguns falavam que o que me tornava tão habilidoso era minha paranoia, já que analisava tudo de maneira metódica e detalhada. Para mim, este era meu dom, meu talento.

Meus pensamentos foram interrompidos pela ativação das luzes de emergência, seguidos pela voz de Lucy dizendo:

— Ih, ferrou! Infiltração de vírus detectada. Sistemas secundários desligados. Infecção iminente dos sistemas primários. Dispositivo de autodestruição acionado. Ação será executada em dois minutos e cinquenta e três segundos.

Levei as mãos à cabeça em desespero e murmurei, balançando a cabeça negativamente:

— Era tudo que eu precisava...

## CAPÍTULO 2

Pânico tomou minha mente assim que a mensagem foi processada pelo meu cérebro. Não era a primeira vez que tentavam infiltrar nosso computador, no entanto, nenhum vírus

fora bem sucedido até hoje. Normalmente, qualquer ataque era bloqueado pela segurança externa de Lucy, tornando-o incapaz de penetrar em nossos sistemas primários.

Desesperado, avancei até os cabos que conectavam o prisioneiro à rede, desconectando-os.

— Vambora, cambada! Todo mundo tem que sair daqui agorinha mesmo! – disse Lucy, anunciando a evacuação do local.

Com um grito raivoso, chutei a porta de um dos gabinetes, frustrado com a minha falta de poder perante tal situação. Apesar de possuir algum conhecimento tecnológico, seria impossível lidar com uma situação como esta, sozinho. Eu precisava do meu engenheiro chefe, o único homem capaz de resolver esta bomba.

Acionando o comunicador que se encontrava na parede, gritei:

— DAELUS, CADE VOCÊ, PORRA?

Nenhuma resposta chegou aos meus ouvidos, fazendo com que xingasse o funcionário e toda sua família. Minha paciência, já pouca por natureza, havia se esgotado. A situação piorava com cada segundo que passava. A iminente destruição desta base de operações traria consequências inimagináveis para todos nós. A explosão precisaria ser explicada para a mídia terráquea e intergaláctica. Um deslize desses não seria perdoado, muito menos devido à força que ele proporcionaria aos fora-da-lei.

Lucy continuava sua contagem, despreocupada com cada segundo que era desperdiçado pela demora de seu criador. O barulho de um murro contra o vidro chamou minha atenção, fazendo com que meu olhar se direcionasse para a porta. Um homem alto encontrava-se do lado de fora, fitando-me com os perturbadores glóbulos oculares que saltavam de seu rosto, mantendo-se presos somente por um fino tubo azulado. Grandes patas de caranguejo tomavam sua mão, braço e antebraço, tornando-o ainda mais ameaçador devido ao seu tamanho. Palavras deixaram seus lábios, mas nenhum som foi reproduzido do lado de dentro da sala.

Entendendo o recado, rapidamente me dirigi à porta, acionando-a manualmente. Assim que ela se abriu, o homem entrou, esbarrando na mesa e na cadeira em sua distração. Sem sequer me cumprimentou para mostrar que havia me notado. Simplesmente se direcionou até o menuciano enquanto retirava o computador de mão de seu bolso. Cinco dedos cibernéticos apareceram logo ao fim de sua pata direita, possibilitando que ele digitasse furiosamente no pequeno aparelho.

Seu stress era aparente, não só pelo cenho franzido ou pela tensão em seus ombros. Ao seu redor, o ar transformava-se com um odor quase tóxico de tão fedido. Minhas narinas começaram a queimar com o cheiro de podridão que rapidamente espalhava-se pela sala. *Serua* era um dos planetas que respondiam a tal mecanismo de defesa criado por tenros,

a raça do homem diante de mim. A combinação química exalada por eles inibia a produção de adrenalina, além de causar uma insuportável dor de cabeça e de estômago.

— Fale alguma coisa, Daelus. — pedi, sentindo o desespero tomar conta de mim.

Ele fez sinal para que eu esperasse e conectou seu computador ao cérebro do paciente. Digitou alguns comandos e balançou a cabeça negativamente. Bufou, algo que dificilmente fazia, e começou a digitar furiosamente.

Apesar de ansioso para acompanhar o desenrolar da situação, meu estômago embrulhava-se cada vez mais com o impiedoso cheiro que pairava no ar.

— Eu vou... pra lá... — disse vagamente, apontando para a entrada da sala.

— Chefe, espere. — pediu o engenheiro, sem me fitar. — Alguém ferrou com a Lucy. Uma de suas barreiras de verificação e autenticação de informação foi desligada internamente. Foi feito nessa área do prédio. Talvez...

Entendi a linha de pensamento do engenheiro e concordei, já me direcionando para a porta:

— Talvez o desgraçado ainda esteja por aqui. Vou averiguar.

Comecei a correr pelos corredores, procurando pelo maldito que tinha ferrado com o meu dia. Ampliava o zoom da minha visão, procurando por detalhes antes mesmo de chegar ao local para onde ia. As chances eram mínimas. Ele provavelmente tinha se retirado com a multidão de funcionários saindo do prédio, mas talvez estivesse à procura de algo mais.

Vi uma sombra passando pela minha visão periférica, direcionando-se para a enfermaria. Saquei a arma e corri. Precisava alcançar o lazarento. Senti meu coração acelerar. Lucy já estava na casa dos cinquenta segundos. Logo tudo iria para os ares. Inclusive eu.

Entrei na sala e observei meus arredores, pronto para atirar.

Ouvi barulhos de passos e virei-me para a fonte do som. Coloquei o dedo no gatilho enquanto ordenava:

— Parado aí.

Ao entender o que se passava, pisquei, surpreso. Franzi o cenho, confuso, mas mantive minhas palavras firmes:

— O que você está fazendo aí? Como você entrou aqui?

Era uma garotinha humana, encarando a parede. Soltou uma risada infantil, virou-se para mim e disse:

— Estamos brincando de esconde-esconde. Um, dois, três, estou salva. Você perdeu.

A contagem estava na casa dos trinta segundos e estava certo de que realmente havia perdido.

— O que você está fazendo aqui? — repeti, sem dar-lhe nenhuma brecha. Poderia muito bem se tratar de um disfarce, onde o bracelete *ARC* fosse incapaz de mostrar sua real

identidade.

— É a sua vez. Vamos, feche os olhos! – ela riu e começou a caminhar em minha direção.

— Pare ou eu atiro. – senti um leve tremor em minha voz. O homem cruel e amargo com medo de atirar em uma garotinha?

Dei um passo para trás, e se tivesse poros, provavelmente estaria suando agora. Ela continuou a se aproximar. Havia algo em seu sorriso. Parecia malicioso. O brilho em seu olhar indicava o mesmo.

Balancei a cabeça levemente, livrando-me de qualquer peso na consciência que futuramente me assombraria, e atirei.

O disparo pareceu voar em câmera lenta, levando um tempo enorme para acertar a criança. Diversos pensamentos passaram por minha cabeça, alguns perturbadores, outros reveladores. Em algum momento, pensei ter ouvido a voz de Rhys dizendo-me que eu não era tão durão quanto achava.

O raio de energia atravessou a garotinha e... acertou a parede logo atrás.

Inclinei a cabeça para frente, forçando a visão. Ampliei os detalhes com o zoom de meu olho e só então notei que se tratava de um holograma. Era perfeito. Parecia real. Havia me enganado facilmente.

Respirei fundo e soltei o ar, aliviado. Como se para lembrar-me que ainda estava ferrado, as luzes começaram a piscar em vermelho e Lucy anunciou que restavam quinze segundos. Pensei em sair correndo, pegar Daelus e fugir de lá, mas não daria tempo. Sequer conseguiria me salvar.

Sentei-me no chão, conformado com meu destino.

A garotinha se aproximou e disse:

— Não fique triste. Você perdeu, eu ganhei. Papai ficará feliz com o meu desempenho. – ela tentou esconder seu sorriso, mas os olhos brilhavam com orgulho.

Guardei a arma, e deitei-me no chão enquanto aguardava o fim iminente.

Dez...

Nove...

— Ah não! Essa não! – disse a garotinha em frustração, batendo o pé no chão.

Oito...

Sete...

O barulho de choro fez com que eu voltasse a fitá-la. Sua imagem estava se distorcendo, como se estivesse sendo forçada a ser desligada. Ela se debatia e chorava, como uma criança mimada, não conformada com seu destino.

Seis...

Cinco...

A imagem da garotinha sumiu ao mesmo tempo em que a contagem parou.

Permaneci lá, boquiaberto, sem acreditar que havia me livrado dessa. Esperei mais alguns segundos, como se para ter certeza que a explosão não ocorreria. Nada. Permiti que um sorriso cruzasse meus lábios e me levantei.

Corri em direção à prisão, procurando por meu salvador. Daelus ainda digitava furiosamente em seu computador, o odor ruim dominando a sala e os corredores adjacentes. Segurando a respiração, perguntei:

— Você conseguiu?

Ele gesticulou para que eu esperasse, fazendo com que a preocupação embrulhasse meu estômago novamente. O engenheiro parecia aterrorizado e isto não era um bom sinal.

Enquanto aguardava, o homem xingava em diversas línguas, tornando meu humor ainda mais sombrio. Passaram-se mais alguns minutos antes que ambos respirássemos aliviados. Virando-se para mim, ele disse:

— Esse vírus, chefe... coisa de gênio, estou te dizendo!

Meus lábios curvaram-se para baixo, tornando aparente a desaprovação pelo comentário. Daelus fitou-me com um pedido de desculpas silencioso. Gesticulando para que ele continuasse, perguntei:

— E como você resolveu isso? Aliás, você realmente resolveu isso, certo?

— Mais ou menos. Eu não consegui destruir o vírus. Só fui capaz de colocá-lo em quarentena. Mesmo assim, ele continua tentando fugir. Eu já tive que reforçar as barreiras três vezes! Ele simplesmente se adapta a maioria dos obstáculos que eu crio. — ele respondeu, com cansaço aparente em sua voz.

Levando uma mão à cabeça, perguntei:

— Se você não resolveu, fez o quê então?

— Ah,... – hesitou por um momento, fitando-me como uma criança que acabou de fazer bobagem – Eu isolei o vírus no perímetro secundário do sistema, mais especificamente no sistema que controla a refrigeração do escritório.

Bufei. Daelus era conhecido como o “Rei das Gambiarras”. Sempre inventava alguma solução ousada para as situações em que nos metíamos. Nem sempre isso resultava em algo ruim, mas o contrário também era verdade.

Da última vez em que implementou uma de suas maluquices, tivemos um enorme problema de exposição com a mídia terráquea devido ao show de luzes indecifráveis no céu na Ilha de Marco, na Flórida. Felizmente, a Guarda Costeira dos Estados Unidos encobriu nossa falha, dizendo que se tratava de treinamentos utilizando sinalizadores.

— Isso não vai dar certo... Fica inventando gambiarra e depois a gente que tem que

lidar com as consequências.

— Funcionou, não funcionou? – ele protestou, dando os ombros.

— E vai continuar funcionando até quando? Não quero ouvir outra contagem regressiva pelo resto da minha longa vida. Uma já foi o suficiente.

— Relaxa, chefe. Eu sei o que estou fazendo. – seu sorriso era malicioso e confiante ao mesmo tempo, o que me preocupava ainda mais.

— Sei. – grunhi, cruzando os braços.

Esse caso me irritava cada vez mais. Primeiro, o aumento de contrabandistas vendendo bugigangas e drogas intergalácticas para os meus prisioneiros. E todos eles estavam burlando a segurança do bracelete *ARC* que, além de mostrar a aparência real dos indivíduos para aqueles que o utilizavam, também servia como rastreador-localizador dentro do planeta.

O menuciano que eu prendi havia sido assim. Quando o vi pela primeira vez, achei que era um humano vendendo algo para um alienígena que usava o bracelete *ARC*. Acreditei que se tratava de uma transação de negócios normal, onde o humano desconhecia a verdadeira origem do outro ser. Foi somente quando vi um aparelho avançado demais nas mãos do humano que percebi que havia algo de errado.

E agora, meu escritório invadido por um vírus que sabe-se lá de onde veio.

Obviamente tratava-se de um *pirata tecnolita*. Até hoje, não havíamos encontrado nenhum fora da lei capaz de nos causar tantos problemas. O único que vinha em mente era... Aiden. Apesar de ter visto seu corpo sem vida com meus próprios olhos, eu nunca acreditara em sua morte. A melhor palavra para descrevê-lo condizia com aquilo que Daelus tinha dito: ele era um gênio. Apesar de tudo, algo não parecia certo. Aiden fora o melhor *pirata tecnolita* de todos os tempos, no entanto, todas as suas invenções eram nada mais que adaptações de outras criadas anteriormente. Faltava-lhe criatividade.

— Eu preciso que você descubra mais sobre este vírus e como ele foi implantado em nosso sistema. O vírus pode nos guiar até o fornecedor. E o bracelete, também. Preciso da *rubrica* o mais rápido possível.

Todos os objetos do universo possuíam uma identificação única chamada de *rubrica*. Caso eles fossem produzidos pelas mesmas ferramentas, com componentes parecidos, eles se tornariam similares, como o DNA de membros da mesma família. Desta forma, identificaríamos outros aparelhos feitos pelo *pirata tecnolita*, e até mesmo seus fornecedores através de componentes e ferramentas utilizadas.

O segredo da *rubrica* era mantido as sete chaves pelo *CAPA*, Centro Avançado de Pesquisas de Alderon. Todos os funcionários que trabalhavam lá eram cuidadosamente selecionados após um processo extenso e seguro. Esta identificação era a única ferramenta

que ainda não havia sido burlada pelos *piratas tecnolitas*, e por isso, nossa maneira mais eficaz de lutar contra eles.

Quando um pedido era requisitado ao centro de pesquisas, era necessário o envio da imagem digital 3D do objeto em questão. Assim que analisado, um relatório era enviado ao requerente, com os dados necessários para que ele rastreasse, dentro do perímetro de seu radar, tudo que fosse idêntico ou similar.

Perdido em meus pensamentos, sequer notei que Daelus estava tagarelando sobre algum assunto técnico e irrelevante.

— Mas é sério. Se eu a colocasse em qualquer outro lugar... seria o fim. Criei três tipos de prisões perimetrais, focando em uma defesa tri-paramétrica. Tive que usar modelos que havia desenvolvido nas horas vagas e achei que ia funcionar, tinha tudo para funcionar! Mas, daí, olhe só o que aconteceu! Ela parecia ter vida. Era como uma criança levada que quer se livrar do castigo de qualquer forma e...

Estalei os dedos ao lembrar-me de um detalhe importante. Imediatamente o interrompi:

— Ah, sim. Havia um holograma de uma menininha na enfermaria. Ele sumiu assim que a contagem parou. Acho que se tratava de uma personificação do vírus.

— Sério?! – Daelus perguntou, empolgado. – Gênio, gênio!

Personificações não eram comuns em vírus. Tratava-se de um trabalho bem avançado. Seriam necessários ótimos recursos e muita inteligência para criar algo tão... perfeito. Ao mesmo tempo em que tornavam o vírus adaptável e difícil de conter, possuíam um ponto fraco. A inteligência artificial criada poderia possuir falhas de programação graças a sua semelhança com o ser escolhido para representá-la. Por exemplo, no caso da garotinha humana, ela obviamente possuía uma relação de sentimentos programados em seu código. Agiria como uma criança humana em determinadas situações e poderíamos usar isto a nosso favor.

— Sim. Tente trazê-la de volta. Pode ser a melhor forma de arrancarmos informações sobre esse vírus.

Uma careta formou-se no rosto do engenheiro chefe, tornando-o ainda menos vistoso fisicamente. Percebendo que tal expressão significava problemas, perguntei:

— O que foi?

— Bom, chefe... eu não vou conseguir analisar o vírus nesse laboratório... Se eu tentasse, ele provavelmente escaparia e invadiria nosso sistema novamente. O mais seguro seria enviá-lo ao centro de pesquisas da capital... — respondeu o engenheiro, em um tom inseguro.

Eu sabia que se seguisse seu conselho, na melhor das hipóteses, teria o *DEIC* no meu

território, tentando resolver o caso para mim. Sendo um ex-membro, eu conhecia muito bem a estratégia deles: destruir todos os rastros e eliminar possíveis suspeitos. O protocolo era simples e eficiente. Meu ego, no entanto, não permitiria tal invasão. Este era o meu planeta e o meu caso. Ninguém interferiria.

Coçando a cabeça, olhei para o teto, procurando encontrar uma saída para tal situação. Existia uma possibilidade. Ela custaria caro, no entanto. Bem caro. Meu olhar perdeu o foco enquanto ponderava se estava disposto a cruzar esta linha. Cada vez mais o caso me intrigava. Mais que isso, algo no fundo da minha mente continuava a culpar Aiden por tudo que vinha acontecendo ultimamente.

— Qual o nível de segurança que você precisa pro nosso laboratório? — perguntei, decidindo que o risco era necessário.

Os olhos de Daelus arregalaram-se ao perceber que eu considerava tal opção.

— Nível 5.

Fitando-o em choque, procurei controlar a ansiedade que se formava dentro de mim. Nosso laboratório, no momento, era nível 3. O mais seguro seria um 7 e não muitos eram construídos para serem um 5. Qualquer reforma precisava ser autorizada pelo *CAPA* e dificilmente planetas primitivos recebiam tal privilégio.

Eu conhecia alguém que possivelmente conseguiria uma atualização sem levantar suspeitas. Ele também fora o responsável pela minha relocação à Terra. Fazia quase três anos que não nos falávamos, e preferíamos desta forma. Muita dor e sofrimento eram parte de nosso passado. Fomos unidos por um objetivo em comum, e separados pela ironia da vida. O feitiço virou contra os feiticeiros. Minha vida foi arruinada, e a dele por muito pouco não seguiu o mesmo destino.

— Preciso fazer umas ligações. Cuide de toda esta confusão para mim,... — disse, direcionando meu olhar a Daelus. Ele fez que sim mesmo antes que eu terminasse a frase com as palavras — ...isso é, se você quiser seu laboratório.

Assim que completei o raciocínio, o engenheiro deu um pulo de surpresa, fitando-me sem acreditar em minhas palavras. Sentindo a ansiedade queimando meu estômago, adverti:

— Não comemore ainda. Vou mexer uns pauzinhos, mas pode não dar certo.

Mesmo minha dose de pessimismo não o afetou. Saltitando, ele disse:

— Eu vou cuidar de tudo agora mesmo!

Antes que pudesse sair da sala, segurei seu ombro e comuniquei de forma sombria:

— Daelus, eu não quero a *Confederação* farejando nada a respeito do acontecido. Esse caso é meu, entendeu?

Um mau cheiro discreto começou a exalar de seu corpo, indicando que finalmente entendera a gravidade da situação.

— Mas, chefe,... — começou o homem a protestar  
— Seu relatório não pode revelar nada sobre o acontecido. Entendido? — disse em um tom duro, interrompendo-o.

De forma cabisbaixa e preocupada, o engenheiro finalmente concordou, saindo da sala em seguida. Ignorando a ansiedade que tomava meu corpo, iniciei a caminhada até a sala de conferência. Eu estava prestes a mexer com fogo. Invocar fantasmas dificilmente resultava em algo bom.

### CAPÍTULO 3

Assim que cheguei à sala de conferência, Daelus já se encontrava com um grupo de funcionários no salão principal, explicando o acontecido. As palavras ‘treinamento’ e ‘tudo sob controle’ viajaram até meus ouvidos, fazendo com que eu sorrisse. Ele era o único que trabalhava naquele buraco por vontade própria. O engenheiro adorava lidar com tecnologia, mas todos sabiam que as oportunidades neste campo eram limitadas devido ao controle rígido da *Confederação*.

O local que me aguardava era feito de paredes de vidro, com uma longa mesa feita do mesmo material. Era propositalmente aberto para oferecer a impressão de transparência entre os chefes e os funcionários. Eu sempre ignorava essa recomendação, assim como a maioria das outras apresentadas pela *Confederação*. Entrei e me sentei. Em seguida, ordenei:

— Lucy, modo privacidade, por favor.

Demorou alguns segundos para que me lembrasse que os sistemas secundários do computador estavam desativados devido à infiltração. Irritado, apertei o painel da mesa, aguardando o teclado materializar-se diante de meus olhos. Meus grandes dedos começaram a lutar com cada tecla, enquanto procurava digitar o comando manualmente. A ansiedade tornava a tarefa quase impossível, fazendo com que considerasse a possibilidade de adiar a ligação.

Não era o homem em si que me deixava neste estado, mas sim o preço que seria cobrado pelo favor a ser feito. Terminada a sintaxe manual de privacidade, a parede tornou-se inteiramente fumê, impossibilitando que alguém visse o que decorreria dentro do local. Más recordações inundaram minha mente, tornando a vontade de desistir praticamente irresistível. Respirei fundo e confirmei o comando para iniciar uma linha segura com a sala do líder do *Conselho Interplanetário*.

Todas as comunicações eram rastreadas e gravadas pela *Confederação*, a fim de tornar a vida dos cidadãos mais seguras. Nenhuma invasão de privacidade ocorreria a menos que extremamente necessário, mas ainda sim, minha paranoia não permitia que eu corresse tal

risco. O motivo pelo qual um escritorzinho ‘meia boca’ que nem esse possuía uma linha segura, era o suborno que havia fornecido ao engenheiro chefe.

Logo que iniciei meu trabalho na Terra, apreendemos um pequeno aparelho cilíndrico, parecido com uma caneta, chamado *KIA*, Kit de Inteligência Automatizada. Este item era capaz de armazenar imagens digitais escaneadas, assim como identificar, criar e duplicar outros objetos em pequena escala. Sua utilidade tornava-se praticamente infinita quando nas mãos de uma mente criativa, por isso, era necessário a autorização do *CAPA* para possuir um.

Conhecendo sua curiosidade, eu o ofereci ao meu funcionário, pedindo em troca que ele instalasse uma linha segura no escritório. Até hoje o rapaz me agradecia por esta pequena bugiganga, apesar de saber que ele a possuía ilegalmente. A troca fora justa já que a *Confederação* condenaria o uso de linhas de comunicação especialmente criadas para burlar seu rastreamento.

Uma tela projetou-se logo acima da mesa, com uma mensagem que dizia ‘Aguardando conexão...’. Alguns segundos depois, a imagem de um homem careca, com um cavanhaque vermelho escuro apareceu na tela. Seus olhos esverdeados fitaram-me silenciosamente enquanto o áudio era estabelecido. Ele estava vestindo uma túnica verde musgo, como de costume, com um chapéu retangular feito do mesmo material caro de sua vestimenta.

Depois de finalizados os preparos para a comunicação, eu esperei que me dirigisse à palavra. Conhecia muito bem as regras de etiqueta de seu planeta natal. *Tundra* encontrava-se no mesmo sistema planetário que *Serua* e convivi muito com aquele povo. A influência profissional e a idade determinavam quem iniciaria e finalizaria a conversa. Sendo o líder do *Conselho Planetário*, sua posição era bem mais privilegiada que a minha.

— Que surpresa, Investigador Marshall. — disse o homem, fitando-me com seu olhar naturalmente intimidador.

Ele era um dos únicos políticos que se recusava a participar do jogo de palavras sempre presente nas reuniões do conselho. Mesmo assim, não deixava de ser cuidadoso com o que dizia. Cumprimentando-o formalmente com um gesto de seu planeta natal, respondi:

— É um prazer, Conselheiro Ter’le’ruen. Perdoe-me pela interrupção, eu sei que o senhor é um homem muito ocupado.

— Qual seria o motivo desta ligação? — perguntou o conselheiro, sem perder tempo. Era fácil perceber a ansiedade em sua expressão. Apesar da pergunta, ele provavelmente desconfiava do assunto. Existia somente uma pessoa que nos unia.

— Eu preciso de um favor seu. Estamos lidando com um caso um tanto intrigante na Terra. — respondi, desinteressado em prolongar a conversa.

As sobrancelhas do homem arquearam-se em um silencioso pedido para que eu continuasse:

— Eu nunca enfrentei um caso desses. Mesmo os fornecedores do RXNX não chegaram a esse nível. A tecnologia é simplesmente... genial.

Um suspiro deixou os lábios do Conselheiro enquanto ele acariciava seu cavanhaque de forma pensativa. O cenho franzido indicava que ele entendia bem o significado das minhas palavras. Imediatamente, perguntou:

— E você acredita que o Aiden esteja envolvido?

Apesar da rispidez em suas palavras, não existia nenhum sinal de sarcasmo em seu tom. Ele não brincaria com um assunto como este. Seus olhos arregalaram-se assim que respondi a pergunta afirmativamente.

— Mas como?! Ele deveria estar morto. Você disse ter visto com seus próprios olhos. — perguntou, não escondendo a preocupação em sua voz.

Meus dedos tocaram a superfície da mesa, produzindo um leve som enquanto procurava acalmar meus nervos. O olhar do homem direcionou-se para os responsáveis pelo barulho, deixando-me encabulado.

Entrelaçando os dedos das mãos, forcei o barulho a cessar, e respondi:

— Ele foi o mestre em truques como este. Criar coisas que parecessem ser impossíveis sempre foi sua fascinação...

— Eu conheço bem a reputação de Aiden, assim como conheço bem a sua. Neste caso, sua paranoia o precede, Investigador Marshall. — retrucou o tundran, interrompendo-me.

Soltando um leve suspiro, dei os ombros, sem saber como responder a tal acusação. Afinal, ele estava certo. Minha mente era incapaz de descansar um segundo sequer. Eu via uma conspiração em todos os cantos que olhasse.

— Você acha que ele está trabalhando sozinho? — perguntou o homem, mesmo sabendo da grande possibilidade de eu estar errado.

A mesma questão me atormentava diariamente: a garota. Mais que isso, talvez ela fosse o motivo principal da minha neurose. Eu ainda possuía esperanças de revê-la. As palavras que saíram de minha boca começaram a se embaralhar, tornando-as inteligíveis. Para esconder minha fraqueza, terminei a tentativa com uma tosse forçada, fingindo ter algo em minha garganta.

O conselheiro inclinou-se para frente em sua cadeira, esperando pela resposta. Assim que senti a firmeza retornar para minhas cordas vocais, disse:

— Aiden nunca trabalhou sozinho. Ele seria incapaz de estabelecer um mercado. O homem era extremamente difícil de lidar.

— Diferente dela... — murmurou o conselheiro com um leve suspiro. Continuando o assunto em seguida, perguntou — Qual o favor?

Meus olhos o fitaram com uma pequena chama de esperança formando-se dentro deles. Somente quando tive certeza que meu tom soaria neutro, respondi:

— Preciso de um laboratório nível 5 no nosso centro de contenção e controle, mas ninguém da capital pode saber disso.

Uma sobrancelha arqueou-se no rosto do conselheiro, tornando-o ainda mais intimidador. Sua expressão questionava minha sanidade, mas sua voz continuava educada como sempre:

— Hmm. Este é um favor deveras difícil, Investigador.

Abaixando minha cabeça de forma resignada, esperei até que ele continuasse. Alguns segundos se passaram antes que sua resposta fosse verbalizada:

— Eu o ajudarei. Sob uma condição.

Meu coração gelou ao ouvir frase tão semelhante àquela que havia iniciado minha ruína. Agora, no entanto, sabia que tinha muito menos a perder.

— Qual seria esta condição, Conselheiro? — perguntei, medindo cada palavra.

O homem fitou-me decepcionado, provavelmente sabendo que imaginava qual seria o pedido. Em um tom que demonstrava seu cansaço, respondeu:

— Preciso que nosso último acordo permaneça válido.

Desde antes de iniciar a ligação, algo me dizia que o preço a pagar seria caro. Minhas dúvidas haviam sido confirmadas. Sentindo a tensão subir pelos músculos do corpo, procurei concentrar-me em meu objetivo final. Este seria incentivo o suficiente para que seguisse em frente. Memórias tomaram minha mente, levando tristeza ao meu coração. No passado, amargas palavras saíram de certa doce boca, condenando-me pelo acordo que eu havia cumprido.

— Ele permanece. — disse, concordando brevemente com a cabeça.

Seus olhos esverdeados encheram-se de esperança, transformando-o em um ser frágil e perdido. O fantasma de um sorriso apareceu em seu rosto e ele murmurou:

— Uma nova chance...

As mesmas palavras cruzaram minha mente ao pensar no envolvimento dos dois. Esta seria uma oportunidade única de reaver os erros do passado. Mais importante que isso, esta seria a chance de vê-la novamente.

Um aperto surgiu em meu coração ao perceber que sentimentos similares também existiam naquele com quem eu falava. Mais uma vez, ele arriscaria tudo pela única pessoa que restava em sua vida: sua filha. Antes que fosse capaz de pensar em algo para confortá-lo, o homem finalizou de forma brusca:

— Sete dias terráqueos, Marshall.

## CAPITULO 4

**Austin, Texas, 21 de Dezembro de 2010, 2:35 PM.**

Estava sentado em minha mesa, ponderando a conversa que acabara de ter com o Conselheiro quando Daelus invadiu meu escritório, sequer se incomodando em bater.

— Daelus, se você está interessado em saber sobre o laboratório, sete dias. Tenha paciência.

Encarei-o com um olhar para poucos amigos, mostrando que não havia gostado de sua falta de educação. Ao ver seus glóbulos oculares inchados e sentir o odor que o rodeava, entretanto, percebi que havia um bom motivo para sua invasão.

Assim que ouviu minhas palavras, parou e abriu um sorriso:

— Sério? – perguntou com empolgação, mas fechou a cara em seguida e balançou a cabeça negativamente – Isso não interessa. Temos problemas sérios, chefe.

Suspirei, imaginando o que mais poderia dar errado hoje.

— Desembucha.

O homem-caranguejo concordou e acionou alguns comandos em seu computador portátil. Imediatamente imagens 3D com diversos gráficos e relatórios se espalharam pela sala. Daelus apontou para os dados apresentados como se tudo fosse óbvio. Arqueei as sobrancelhas com cara de interrogação e perguntei:

— E aí? O que isso quer dizer?

Até conseguia compreender um relatório ou outro, mas não estava com saco para forçar minha mente depois de uma manhã tão estressante. Ele que me explicasse tudo.

Com um suspiro exasperado, o engenheiro colocou as patas na mesa e inclinou-se para frente. Em um tom de voz tenso, iniciou seu relato:

— Chefe, eu sabia que tudo parecia bom demais para ser verdade. Há quanto tempo estamos aqui? E quantas vezes alguma tentativa de um *pirata tecnolita* passou pelo sistema de defesa periférico da Lucy? – perguntou retoricamente – Nenhuma. Por que agora? Como conseguiriam?

— Sinto lhe informar, cara, mas a Lucy não é top de linha. Ela pode ser burlada. – respondi, dando os ombros. – É que aqui não temos lá muitos interessados em passar pelos nossos sistemas de segurança. É uma prisãozinha meia boca.

Algo no olhar do engenheiro chefe me disse que deveria ter ficado quieto. Ele não gostava quando criticavam seu trabalho. Apontou uma de suas patas para mim avidamente e

respondeu:

— A Lucy é melhor do que muita inteligência artificial por aí. Melhor que muitas encontradas na Capital. Ela é a prova de trouxas, espertalhões e gênios! – abanou os braços grandiosamente, os olhos demonstrando seu carinho e amor pelo computador.

Gesticulei para que deixássemos o assunto de lado e ele continuou com o que realmente importava:

— Enfim, mesmo que o cara fosse um gênio, não deveria ter sido tão fácil. E a resposta está bem aqui. – apontou para um dos relatórios, que imediatamente tornou-se um vermelho vívido e expandiu-se, informando maiores detalhes. – Está vendo? Alguém diminuiu o nível de segurança de Lucy há quatro dias. Quem quer que fez isso, sabia o que estava fazendo, pois só modificou o suficiente para deixa-la frágil. Eu sequer percebi que tinham mudado alguma coisa.

Franzi o cenho, sem acreditar no que ouvia.

— Como assim? E por que alguém teria acesso ao sistema de segurança da Lucy? Mesmo que o periférico?

Daelus pareceu pego de surpresa pela pergunta. Fitou-me como se tivesse sido pego no pulo e balançou a cabeça rapidamente.

— Não importa, chefe. Depois discutiremos isso. Foi só um pequeno conflito que tínhamos entre o sistema do radar e o sistema telefônico criptografado que foram implementados e...

— Sei. – respondi, cruzando os braços. – Isso está me cheirando a gambiarra que deu errado.

— Não, não, não. Posso te garantir que tudo foi feito da maneira mais correta possível, eu só não contava com... – interrompi-o novamente, pedindo para que continuasse com o assunto principal. – Enfim, mas o ponto é que alguém sabotou a Lucy e foi aqui dentro.

Balancei a cabeça.

— E quem foi?

Esperei pela bomba.

Silêncio.

Daelus levou uma pata à cabeça, olhando-me com um jeito culpado.

Suspirei, perguntando:

— Você não sabe, não é?

— Não é que eu não sei, chefe. Nem teria como eu saber. Veja só. Nosso sistema de auditoria só verifica a estação em que foi efetuado o comando. Não existe um tipo de registro biométrico como para outras áreas do sistema. Se ele tivesse mexido na parte crucial,

ou tentado pelo menos, teríamos gravado dados como...

— Tudo. Até a cor da cueca do nego. Eu sei e não me interessa saber o porquê você não conseguiu. Quero que dê um jeito.

— Mas, chefe!

— Eu dei um jeito para você com o laboratório, não dei? Então, está na hora de você retribuir o favor.

Daelus começou a murmurar algumas palavras de ingratidão, baixinho, para que eu não ouvisse.

— Eu posso te ouvir. – comentei em um tom amargo.

Apesar de minha aparente falta de preocupação, estava intrigado com a situação. Sabia que qualquer um dos funcionários – com exceção de Daelus talvez – nos sabotaria por uma boa quantia de créditos intergalácticos ou por algum contrabando caro. O que realmente me intrigava não era o quem, mas sim o porquê.

— Eu vou tentar pensar em alguma coisa, chefe. Talvez se eu verificar o log de diagnóstico e acionar o comando de biometria parametrizada por estação de trabalho e...

— Por que alguém faria isso há quatro dias e não só hoje?

— Foi planejado. – respondeu Daelus, torcendo os lábios.

Fechei os olhos, tentando me lembrar dos acontecimentos dos últimos dias. Fui passando por cada memória, procurando por algum motivo que esclarecesse essa dúvida. Vi a mim mesmo entrando no escritório, carregando o menucsiano que havia prendido. Sexta-feira, 17 de Dezembro. Exatamente quatro dias atrás.

—O menucsiano! – falamos ao mesmo tempo.

Levantei-me de minha cadeira, e comecei a caminhar de um lado para o outro. Tudo parecia um quebra-cabeça esperando ser solucionado. Primeiro, a tecnologia inovadora que o menucsiano estava usando para burlar o bracelete ARC, depois a mensagem sem nexos deixada por ele durante a injeção do soro SIVO, a invasão de Lucy e agora essa notícia sobre uma sabotagem interna. Alguém estava tentando manter seus rastros bem apagados para que eu não descobrisse sua origem.

Senti uma excitação correr meu corpo, como não vivenciava há tempos. Lembrava-me bem como era resolver um caso empolgante, com obstáculos que necessitavam de muita inteligência e determinação. Eu era o cara para esse trabalho e certamente iria solucioná-lo.

— Poucos sabiam da apreensão do infrator. Minha secretária, Gross e seus funcionários do departamento de Contenção. Eles são os responsáveis por dar entrada na ficha do lazarento e enviar o pedido de questionamento para a Capital.

Daelus ponderou minhas observações, mas manteve-se em silêncio. Acionei o telefone e pedi para que Mincy chamasse Gross em minha sala. Enquanto aguardávamos,

pedi:

— Lucy, quero uma lista com os funcionários com o maior background tecnológico, ordenados por departamento, Contenção no topo.

— Podeixá, seu Logan! – disse ela em sua voz estridente.

Alguns segundos de processamento e os relatórios apresentados por Daelus foram minimizados. A minha frente apareceu uma lista com 11 nomes dentre os 34 que trabalhavam em Austin.

Cruzei os braços, examinando cada um deles.

— Mostrar detalhes, - pedi, e imediatamente o computador mostrou fotos e a ficha detalhada de cada um deles.

Quatro mulheres e sete homens. As idades e os planetas variavam bastante. A única coisa que tinham em comum era o fato de estarem preso nesse planetinha de merda. Daelus apontou para uma das mulheres, uma senhora de pele verde musgo e de um planeta que combinava bastante com a sua tonalidade esverdeada.

— Essa daí é uma senhora de idade, chefe. Vive em um planeta orgânico, cheio de morais sobre viver bem e ser bom aos outros. Não faria nada desse tipo. – em seguida apontou para um outro homem que chegara há menos de um mês terráqueo – E esse, pode até dizer que ele entende de computador na ficha dele, mas o cara é ruim pra dedéu. Nunca conseguiria fazer algo assim, mesmo que fosse instruído.

Toquei os nomes mencionados por ele, jogando-os para longe da listagem com um simples gesto de meus dedos.

— E os outros? Quem poderia ter cometido um crime desses? – perguntei, ainda encarando os nomes que, só com as fotos significavam alguma coisa para mim.

— Parece-me meio irônico que está à procura de um indivíduo capaz de cometer um crime. Estamos em uma prisão, Marshall, – ouvi a voz familiar do marciano e virei-me para encará-lo.

O indivíduo tinha aproximadamente dois metros de altura. Seus cabelos eram loiros-prateados, presos por um coque feminino. Nunca deixava de me espantar com sua semelhança com o povo terráqueo. As únicas diferenças eram as que o destacava como um alienígena: sua pele alaranjada e os olhos cor de fogo. Havia algo descontraído em sua postura, como alguém que dificilmente se irritava com os estresses da vida.

Com as mãos nos bolsos e os ombros ligeiramente curvados, ele caminhou para frente e sorriu. Não havia nada de natural naquele gesto. Era cuidadosamente controlado, mensurado para enganar aqueles que não o conheciam bem.

Esse era Gross, supervisor do departamento de Contenção. Quando li sua ficha, não consegui acreditar que um homem tão sossegado seria capaz de tamanha brutalidade. Lá

dizia que foi enviado para esse buraco por explodir uma bomba no prédio onde sua esposa trabalhava. O motivo? Vingá-lo de uma traição.

A lei de Marte declarava que uma pessoa que cometesse adultério seria julgada e sentenciada pelo companheiro traído. A punição poderia variar de um simples tapa na cara à morte do que cometera o ato. Ele, entretanto, decidiu matar todos no local de trabalho da esposa. Quando deu seu depoimento, disse que todos sabiam que a mulher o traía e por isso, eram tão culpados quanto ela. Seu argumento foi aceito pelos juizes por ser lógico, mas ainda sim foi punido. Ele foi um dos raros prisioneiros condenado por genocídio sentenciado a uma *segunda chance* ao invés de uma pena de morte ou Crismaline.

Como todo bom marciano, era extremamente racional e imparcial. Dificilmente se interessava por algo que não envolvesse seu departamento. Mantinha-se distante de tudo e todos. Procurava executar seu trabalho de maneira perfeccionista, mas não fazia nada que não fosse sua responsabilidade. A única coisa que o interessava era dinheiro. Marcianos eram tipicamente ambiciosos. Sendo assim, transformaram Marte no planeta mais rentável de toda a galáxia através de jogos de azar, shows e muito prazer.

— Notei um tom de ironia em sua voz? Será que acabamos de presenciar o milagre de uma piada? – provoqueei, arqueando uma sobrancelha e colocando a mão no queixo.

— Foi para isso que você me chamou aqui? Para uma provocação tola e infundada? Pois tenho assuntos mais importantes para tratar e apreciaria se meu tempo não fosse desperdiçado.

Senti como se tivesse sido cortado feio. Sabia, entretanto, que tratava-se de seu jeito de falar. Não estava tentando ser grosso. Simplesmente havia sido sincero.

— Certo. Tem razão. – admiti a contragosto. E cruzando os braços continuei – Alguém sabotou a Lucy e considerando que poucos fora do seu departamento têm um acesso mais a fundo, acreditamos que seja um de seus funcionários.

Gross pareceu ponderar e em seguida concordou:

— Faz sentido. Mas muitos não possuem um perfil tecnológico avançado. Seriam incapazes de fazer algo muito elaborado.

— Não foi muito elaborado. – Daelus interrompeu – Na verdade, qualquer zé mané faria sem problemas, contanto que tivesse acesso aos aplicativos do departamento de contenção.

— E por isso te chamamos aqui. Temos esses suspeitos – aponte para as fichas que rodeavam a sala em 3D – e precisamos que diminuir essa lista consideravelmente.

— Hm. Entendi. – foi o que o marciano disse antes de começar a examinar as fichas.

Caminhei ao seu lado enquanto lia sobre cada um de seus funcionários de maneira pensativa. Depois de alguns momentos em silêncio, perguntei:

— E então?

— Bom, logicamente, a considerar pelo perfil daqueles que são trazidos para a Terra, qualquer um poderia ter cometido esse crime. Possuímos poucas informações. Não sabemos o grau de instrução que a pessoa poderia ter recebido para executar essa ação. Poderia variar desde um programa plug & play a uma lista de comandos.

— Mas eu teria detectado se tivesse sido um programa injetado na Lucy. – Daelus protestou.

Gross deu os ombros e comentou:

— Isso também dependeria do grau de inteligência de nosso inimigo fantasma.

— E você falou que o cara é um gênio, Daelus. – concordei e continuei em seguida – Ele tem razão. Mas temos que trabalhar com aquilo que possuímos no momento. Assumiremos que trata-se de alguém com o pior perfil e o mínimo de conhecimento tecnológico.

O marciano fez que sim com a cabeça e separou a ficha de quatro dos nove suspeitos ainda expostos na sala.

— Com essas restrições, poderia facilmente excluir os outros cinco. Pronto, Marshall, você tem suas cobaias para a chacina que irá cometer.

Gargalhei em alto e bom som, os olhos brilhando com maldade e malícia:

— Você está certo. De novo. – com um sorriso largo, me dirigi até a passagem secreta para o CCC – Está na hora de ensinar uma coisinha ou duas para esses pilantras.